

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

ÍNDICE DE VAGAS E CURVA DE BEVERIDGE

Daniela Steinhauser Gregg
Nº. de matrícula 9715593

Orientador: José Márcio Camargo

Junho de 2000

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

ÍNDICE DE VAGAS E CURVA DE BEVERIDGE

Daniela Steinhauser Gregg
Nº. de matrícula 9715593

Orientador: José Márcio Camargo

Junho de 2000

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”

Agradeço aos meus pais que sempre deram força a todas as minhas iniciativas, inclusive esta. Aos meus irmãos pelo companheirismo. Aos meus amigos, especialmente os do IPEA, pelo apoio e incentivo que, sem dúvida, tornaram esta tarefa mais agradável.

ÍNDICE

CAPÍTULO I) INTRODUÇÃO	5
I.1) Motivação para a construção de um índice de anúncios de oferta de empregos	6
I.2) Estrutura	9
CAPÍTULO II) UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O ÍNDICE DE VAGAS E A CURVA DE BEVERIDGE	10
CAPÍTULO III) PRELIMINARES EMPÍRICOS	15
III.1) Fonte de informação	15
III.2) Conceitos	16
III.3) Metodologia	18
CAPÍTULO IV) ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
CAPÍTULO V) CONCLUSÕES	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

CAPÍTULO I) INTRODUÇÃO

Historicamente, a taxa de desemprego no Brasil nunca foi considerada uma variável econômica preocupante devido aos seus baixos índices quando comparados com os de outros países e até mesmo com outras variáveis econômicas brasileiras. O mercado de trabalho sempre pareceu flexível sendo capaz de se ajustar a choques na economia com pequenas variações na quantidade de emprego. De fato, uma das características mais marcantes da economia brasileira tem sido sua enorme capacidade de absorção de mão-de-obra mesmo em períodos de baixo crescimento econômico, ou seja, o mercado de trabalho brasileiro tem a capacidade de expandir o número de postos de trabalho a uma taxa igual ou superior a da expansão da população em idade ativa.

Hoje em dia, no entanto, a taxa de desemprego tem registrado índices mais elevados e este fato vem despertando atenção para a necessidade de uma melhor análise do mercado de trabalho brasileiro.

A promulgação da nova Constituição em 1988 como parte do processo brasileiro de redemocratização trouxe mudanças importantes na regulação do mercado de trabalho com o intuito de aumentar a proteção aos trabalhadores. Isso pode ter causado um aumento nos custos de demissão e, conseqüentemente, uma redução da velocidade de ajuste e um impacto no nível de emprego no curto prazo já que o aumento da proteção ao trabalhador tende a aumentar o tempo de permanência no emprego.

A década de noventa é marcada por grandes mudanças na economia. A introdução do Plano Real, em 1994, possibilitou uma estabilidade dos preços e a abertura econômica trouxe a questão da competitividade entre as empresas. Outros fatores como o programa de privatizações, a globalização, a modernização e informatização das empresas resultaram em uma redução dos postos de trabalho e em um aumento da procura por trabalhadores com níveis de qualificação mais elevados.

Como não foram criados postos de trabalho suficientes para absorver a mão-de-obra desqualificada, essas mudanças tiveram grandes impactos sobre a taxa de desemprego e outras variáveis do mercado de trabalho.

Assim, quais são as causas do desemprego e suas implicações na economia, são questões que estão sendo cada vez mais debatidas e a resposta a essas perguntas é de fundamental importância para uma melhor compreensão do estágio atual da economia brasileira.

Desta forma, são necessárias “ferramentas” que possam efetivamente contribuir para a análise do mercado de trabalho brasileiro. Uma forma inovadora e ainda pouco utilizada no Brasil para se acompanhar a evolução do volume de empregos ofertados na economia é a criação de um Índice de Vagas com base em anúncios de empregos publicados nos jornais de grande circulação. Através de um ajuste dessas séries de anúncios este índice pode ser obtido.

I.1) MOTIVAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ÍNDICE DE ANÚNCIOS DE OFERTAS DE EMPREGO

É usual em vários países a utilização de indicadores de demanda por trabalho (oferta de emprego) como *proxies* do nível de atividade. Em geral, sob a hipótese de que a

relação entre a quantidade de vagas disponíveis e de anúncios de oferta de emprego é ou conhecida ou constante, pode-se tomar um índice que reporte a variação do número de anúncios de emprego com tal finalidade.¹

Um outro motivo pelo qual um índice de anúncios se torna interessante é que ele gera uma estimativa de quanto do nível de desemprego pode ser atribuído a fricções do mercado de trabalho. Assim, para dois instantes no tempo com mesmas taxas de desemprego, se o Índice de anúncios for maior em um período do que em outro após algum controle para a sazonalidade, pode-se dizer que no período em que o índice é maior, maior é a fração do desemprego explicada pelo descasamento entre oferta e demanda por trabalho.

Entretanto, deve-se olhar para um índice de anúncios de emprego sabendo-se que ele não necessariamente fornece informações precisas sobre as vagas existentes em uma economia. Isto se deve ao fato de que ele está estreitamente vinculado às práticas de contratação das firmas e à composição setorial do emprego.

As firmas decidem qual o procedimento mais eficiente de divulgação de vagas de emprego. Assim quaisquer mudanças nas práticas de recrutamento podem afetar o número de anúncios sem, necessariamente, afetar o número de vagas.

Mudanças na composição setorial do emprego podem afetar o número de anúncios sem, mais uma vez, alterar a quantidade de vagas. Por exemplo, supondo dadas as relações entre vagas disponíveis e trabalhadores empregados em cada setor, se houver uma diminuição do emprego no setor que tradicionalmente faz uso de anúncios compensada por um aumento de mesmo tamanho no emprego de um outro setor que não

¹ Há nos Estados e Canadá vários índices deste tipo, regionais ou não, de instituições privadas e de órgão públicos.

usa esse prática de recrutamento, o número de anúncios cairá, enquanto o número de vagas permanecerá constante.

Deve-se notar, entretanto, que tanto alterações na prática das firmas quanto na composição setorial do emprego são geralmente mudanças de longo prazo e, portanto, não conseguiriam explicar variações mensais do índice de anúncios. Ademais e a despeito dessas limitações², a existência de um índice de anúncios de oferta de emprego para o Brasil pode vir a ser bastante útil, pois pode servir a diversos propósitos, uma vez que permite acompanhar a dinâmica de funcionamento da economia em geral e do mercado de trabalho em particular e também identificar futuras tendências. Nesse sentido, e com base numa série histórica e a permanente atualização do índice, este se torna um importante instrumento para o direcionamento das políticas governamentais, principalmente na área de mercado de trabalho.

Outra importante contribuição deste indicador é a possibilidade de construção da Curva de Beveridge, que mostra a relação entre taxa de desemprego e taxa de postos de trabalho vagos. A análise dos movimentos dessa curva pode mostrar a eficiência do processo de casamento entre vagas e trabalhadores desempregados, assim como a natureza dos choques que afetam o mercado de trabalho.

Portanto, a finalidade do trabalho é demonstrar que a criação e utilização de um Índice de Vagas pode vir a ser uma importante ferramenta de análise nas questões de mercado de trabalho e suas repercussões passadas e futuras na economia brasileira.

² Katherine Abraham tenta estimar o efeito dessas limitações sobre o índice de anúncios construído pelo Conference Board dos Estados Unidos. Seu estudo e os resultados obtidos são descritos no capítulo II.

I.2) ESTRUTURA

Além desta introdução, este trabalho apresenta quatro capítulos. O segundo capítulo apresenta uma resenha da literatura sobre o Índice de Vagas e a Curva de Beveridge com ênfase nos trabalhos já realizados no Brasil e eventuais comparações com outros países do mundo. O terceiro capítulo apresenta uma descrição das fontes de informações, conceitos e metodologia utilizada no trabalho. O quarto capítulo apresenta os resultados encontrados após a construção do Índice de Vagas e da Curva de Beveridge. Finalmente, o capítulo cinco apresenta uma conclusão final do trabalho.

CAPÍTULO II) UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O ÍNDICE DE VAGAS E A CURVA DE BEVERIDGE

A fim de acompanhar a evolução do número de empregos que são ofertados no mercado de trabalho, diversos países têm elaborado um indicador, o Índice de Vagas, que procura captar essa evolução. No Brasil, recentemente, um Índice de Vagas foi construído por Barros, Firpo e Foguel (1999) com base em dados fornecidos pelos jornais dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. O trabalho teve como resultado a elaboração de dois índices, um para cada Estado. Como as séries fornecidas pelos jornais participantes continham dados desde o final dos anos oitenta, foi possível fazer uma análise destes índices ao longo da última década, que revelou um comportamento pró-cíclico do índice, onde em períodos de queda do nível de atividade econômica o Índice de Vagas declina, enquanto nos períodos de recuperação de atividade ocorre o inverso. Além disso, pôde-se perceber uma sazonalidade existente no mês de dezembro, quando há uma queda significativa no número de anúncios. Esta queda pode ser explicada pela presença das festas de fim de ano e pelo fato de que as empresas já fizeram as contratações necessárias devido ao aumento de demanda que geralmente se verifica neste mês.

Em países como os Estados Unidos e Canadá, onde estudos acerca deste tema se encontram mais avançados, a Conference Board, Inc., uma organização de pesquisa com fins não-lucrativos, é responsável pela construção do Índice de Vagas, que tem

como objetivo tentar prever o ciclo de negócios. Esse índice, coletado periodicamente, foi criado pela primeira vez em 1964. É uma medida das oportunidades de empregos anunciadas nas principais áreas regionais e metropolitanas nos Estados Unidos, onde o total de anúncios de empregos publicados mensalmente em um determinado jornal em cada uma das 51 cidades analisadas é usado como base para a construção de um índice para cada cidade. Através desses índices é possível construir um Índice de Vagas nacional.

A criação deste índice e análises das séries históricas realizadas pela Conference Board mostraram a existência de uma relação significativa entre o Índice de Vagas dos Estados Unidos e as tendências de emprego e desemprego desse país. Essa relação pôde ser observada no trabalho de Friedman (1982) onde o Índice de Vagas para a região de Phoenix, nos Estados Unidos, foi analisado, revelando a existência de uma relação positiva entre o nível de postos de trabalho e o Índice de Vagas, e uma relação negativa entre este índice e o nível de desemprego. Além disso, outro importante resultado encontrado foi a existência de *lags* (defasagens) para essas relações, ou seja, variações positivas no volume de anúncios publicados num determinado mês estariam correlacionadas com variações negativas na taxa de desemprego dois meses depois.

No entanto, esse Índice de Vagas fornecido pela Conference Board é uma medida aproximada de vagas. Dessa forma, se faz necessário um ajuste das séries de anúncios publicados nos jornais com o objetivo de capturar as mudanças estruturais no mercado de trabalho e na indústria de jornal para que esse índice se torne uma medida mais eficiente das pressões no mercado de trabalho.

Nesse sentido, Abraham (1987) buscou ajustar essas séries fornecidas pela Conference Board da melhor forma possível, possibilitando uma análise muito útil dessas séries e sua relação com postos de trabalho vagos e o desemprego. Em seu

estudo, Abraham criou um Índice de Vagas ajustado e concluiu que a relação vagas-desemprego se deslocou ao longo do tempo mostrando que houve um aumento do número de postos de trabalho vagos para um dado nível de desemprego e que a causa desse deslocamento foi a crescente dispersão da demanda regional por trabalho. Para a construção do índice, Abraham considerou como um fator de ajuste a composição ocupacional do emprego, e, conseqüentemente das vagas. Isso porque como os empregos de “white-collar”³ são mais anunciados do que os de “blue-collar”, mudanças na composição ocupacional do emprego recentemente pode ter aumentado o volume de anúncios de vagas. Outro fator de ajuste é a prática usada pelo empregador para anunciar. Recentemente, os empregadores podem estar mais interessados em anunciar postos de trabalhos vagos do que estavam no passado devido, por exemplo, ao aumento de pressões anti-discriminatórias. Por fim, o número de jornais em circulação nas cidades pesquisadas pela Conference Board também foi considerado como um fator de ajuste na medida em que muitos jornais saíram de circulação, reduzindo a competição dentro da indústria do jornal. Esse argumento implica que o índice pode ter aumentado como um reflexo da redução do número de jornais em circulação e não porque houve um aumento no número de postos de trabalho vagos. Após a construção desse índice ajustado, a autora procurou identificar os possíveis fatores responsáveis pela alteração da relação de vagas e desemprego concluindo que o casamento entre vagas e trabalhadores desempregados não vem mais ocorrendo tão perfeitamente quanto no passado, no sentido em que a taxa de vagas associada a uma dada taxa de desemprego é significativamente maior do que no passado.

³ Entende-se por empregos de “white-collar” aqueles específicos da área de escritório, como por exemplo, contadores, advogados e gerência. Empregos de “blue-collar” são os empregos na área de fábrica, como por exemplo, operários.

Na medida em que a Curva de Beveridge mostra a relação entre um índice ou taxa de postos de trabalhos vagos e a taxa de desemprego na economia, diversos autores, como Blanchard e Diamond (1989), têm se utilizado do Índice de Vagas nesta análise.

Em seu estudo, Blanchard e Diamond estão interessados em mostrar como o movimento conjunto de vagas e do desemprego é afetado por choques na economia, mais especificamente, choques de demanda, de realocação e na oferta de trabalho. Assim, fazem uma análise da relação de Beveridge no período pós-guerra americano enfatizando o processo de casamento entre trabalhadores desempregados e vagas e as causas dos choques na economia. Apesar do processo de casamento ser eficiente, desemprego e vagas coexistem devido ao grande volume de postos de trabalho que são criados e destruídos. Portanto, concluem que, no curto e médio prazo, choques de demanda apresentam um maior efeito sobre o desemprego e vagas do que os choques de realocação e de oferta de trabalho, ou seja, mudanças na intensidade do processo de realocação não são considerados importantes determinantes das flutuações do desemprego. Porém, no longo prazo, o efeito de choques de demanda praticamente desaparece e parte dos deslocamentos da Curva de Beveridge neste período pode ser explicados por choques de realocação. Para isto, os autores se utilizam de uma autoregressão vetorial com as variáveis desemprego, vagas e taxa de participação na força de trabalho e fazem uma análise da decomposição da variância chegando à conclusão de que, mesmo que choques de demanda não possuam efeitos no longo prazo, a decomposição da variância revela que, dada a sua contribuição nos movimentos de curto e médio prazo, choques de demanda são responsáveis por uma grande proporção dos movimentos tanto do desemprego quanto das vagas em qualquer horizonte de tempo, seja no curto, médio ou longo prazo. Essa proporção declina com o tempo,

refletindo o pequeno efeito de longo prazo dos choques de demanda descrito anteriormente.

A metodologia desenvolvida por Blanchard e Diamond foi utilizada como referência por Scandiuzzi (1999) em seu trabalho, no qual o autor procurou estudar as determinantes do desemprego na região metropolitana do Rio de Janeiro levando em consideração as peculiaridades do mercado de trabalho brasileiro. Assim como Blanchard e Diamond, Scandiuzzi estimou uma autoregressão vetorial porém, devido ao crescente aumento do setor informal na economia brasileira durante as últimas décadas, considerou uma restrição dinâmica adicional de que choques na demanda seriam responsáveis por uma correlação positiva entre desemprego e informalidade. Desta forma, o setor informal amorteceria os efeitos destes choques sobre o desemprego.

O modelo proposto por Scandiuzzi analisa o período de 1989 a 1998 e indica a predominância de choques de demanda na explicação da variância do erro de previsão do desemprego no médio e longo prazo, enquanto que choques de realocação são responsáveis em explicar o desemprego apenas no curto prazo.

O presente trabalho foi desenvolvido com base nos artigos acima mencionados e suas respectivas metodologias procurando analisar a coexistência de vagas e desemprego nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo.

CAPÍTULO III) PRELIMINARES EMPÍRICOS

Neste capítulo, se fará uma descrição das fontes de informações, conceitos e metodologia utilizada no trabalho.

III.1) FONTE DE INFORMAÇÃO

Para a construção do Índice de Vagas, são utilizadas as informações coletadas mensalmente mostrando o total de anúncios de emprego publicados nos jornais participantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, mais especificamente, Jornal O Dia, O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Estes jornais estão entre os de maior circulação em seus respectivos Estados, e por isso, a presença de jornais concorrentes pode acarretar a dupla contagem de um mesmo anúncio já que as empresas podem se utilizar de mais de um jornal para divulgar a disponibilidade de vagas. Porém, a utilização dos dados de mais de um jornal por Estado é fundamental para que os índices não se tornem demasiadamente influenciados por oscilações bruscas e idiossincráticas em cada jornal. Além disso, possibilita obter o máximo de informações possíveis sobre o total de anúncios para diferentes tipos de empregos, uma vez que estes podem aparecer em jornais com perfis distintos. O problema de dupla contagem, então, pode ser resolvido assumindo-se que os jornais não alteram os perfis de seus leitores e de seus anunciantes. Assim, o Índice de Vagas não será afetado pela dupla contagem.

Como a maior parte dos jornais conseguiu recuperar esses dados desde o final dos anos oitenta, foi possível construir o Índice de Vagas para a última década. As séries fornecidas pelos jornais do Estado do Rio de Janeiro se iniciam em janeiro de 1988 terminando em maio de 2000, com exceção do Jornal O Globo, cuja série se inicia em janeiro de 1993 e termina em maio de 2000. Para o Estado de São Paulo, os dados fornecidos pelos dois jornais participantes vão de janeiro de 1990 até maio de 2000.

A partir desses dados será possível construir dois índices, um para cada Estado e um índice agregado, o qual será uma média ponderada dos índices do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Já para a construção da Curva de Beveridge, é necessária a taxa de desemprego, além do Índice de Vagas. Para isto, serão utilizados dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada pelo IBGE, dos respectivos anos analisados na construção do Índice de Vagas. Essa pesquisa tem a semana da entrevista como período de referência e as séries de desemprego estão disponíveis em periodicidade mensal até o mês de abril de 2000.

III.2) CONCEITOS

Desemprego friccional

Uma das razões para o desemprego é o tempo que se leva para ajustar trabalhadores e empregos. Os trabalhadores têm diferentes preferências e habilidades e os empregos têm atributos diferenciados. É necessário considerar, ainda, que o fluxo de informações relativas a vagas e candidatos é imperfeito, e que a mobilidade geográfica dos trabalhadores não é instantânea. Desta forma, a busca de um emprego adequado exige tempo e esforço. De fato, como os diferentes postos de trabalho exigem habilitações diferentes, e pagam salários diferentes, os desempregados nem sempre aceitam a

primeira oportunidade oferecida. O desemprego gerado pelo intervalo necessário à compatibilização de trabalhadores e empregos é chamado de desemprego friccional.

Desemprego estrutural

É a parcela do desemprego que existe porque há mais desempregados do que vagas na economia. Esse tipo de desemprego ocorre quando mudanças nos padrões da demanda por trabalho causam um descasamento dos tipos de empregos que estão disponíveis e os tipos de pessoas que procuram por trabalho. Esse descasamento pode estar relacionado com as habilidades, educação, idade do trabalhador ou área geográfica. Caso os salários fossem completamente flexíveis e os custos de mobilidade geográfica ou ocupacional fossem baixos, o mercado de trabalho se ajustaria automaticamente, eliminando este tipo de desemprego.

Vagas

Considera-se como vagas os postos de trabalhos não ocupados. A existência de vagas abertas no mercado de trabalho pode ser explicada pela presença de imperfeições de informação entre os trabalhadores desempregados e os empregadores. Entretanto, a falta de informação não é a única explicação para a existência de vagas pois deve-se considerar que vagas podem existir devido a qualificação não adequada dos trabalhadores.

Algumas considerações finais devem ser feitas antes de descrever a metodologia para a construção do Índice de Vagas. A principal consideração é como medir as vagas, já que o que se consegue medir são os anúncios de vagas. Uma vaga só se torna disponível quando a firma concretiza alguma ação para divulgar sua disponibilidade. A dificuldade reside em que um único anúncio pode estar oferecendo mais de uma vaga. Além disso, as firmas podem se utilizar de outras alternativas para a divulgação dos

postos de trabalhos abertos. Outro fator relevante é o custo dos anúncios nos jornais. Caso o preço do anúncio diminua, deve-se esperar que as empresas aumentem a divulgação de vagas através de jornais. Entretanto, isso não pode ser interpretado como um aumento no número de vagas.

Dadas essas considerações, o crescimento no volume de anúncios de postos de trabalhos em jornais seria uma proxy para o crescimento do número de vagas. Porém, para isso é necessário que tanto a relação entre vagas e total de anúncios de emprego (sob as suas diversas formas) quanto a proporção das vagas anunciadas em jornais dentre as que foram efetivamente anunciadas sejam aproximadamente constantes.

III.3) METODOLOGIA

Esta seção descreverá a metodologia a ser utilizada para a criação do Índice de Vagas e da Curva de Beveridge.

Índice de Vagas

Para a construção deste indicador vários ajustes devem ser feitos de forma a padronizar e corrigir as imperfeições dos dados. Deve-se levar em consideração algumas peculiaridades das séries de anúncios como a falta de dados para alguns anos num determinado jornal. Dessa forma, primeiramente, as séries mensais de cada jornal participante foram ajustadas para um mês padrão definido como sendo um mês de trinta dias e quatro domingos. Optou-se por esta padronização pois domingos tendem a ser os dias de maior publicação de anúncios de vagas de emprego e porque em meses mais longos o total reportado por cada jornal deve se elevar. Essa correção foi feita multiplicando-se o total mensal de anúncios reportados em cada jornal por um fator de ajuste $F_{j,m}$.

$$E_{j,m}^* = \frac{[D_{j,m}b_j] + (W_{j,m} - D_{j,m})}{[T_{j,m}] + \gamma e}$$

Onde o subscrito j se refere a cada jornal, m se refere a cada mês de um determinado ano, p é o peso dos domingos em relação a um outro dia qualquer da semana. Por fim, D e M são, respectivamente, os números de domingos e de dias de cada mês em cada ano.

Como a informação mensal do total de anúncios publicados nos domingos não estava disponível para a maioria dos jornais e para a maior parte do período analisado, os pesos dos domingos para cada jornal foram calculados através de regressões lineares. As regressões foram rodadas por MQO e especificadas sem intercepto⁴. Além disso, tiveram como variável dependente o total de anúncios por mês de cada jornal e como variáveis explicativas o número de domingos e o número de dias que não os domingos para cada mês. Dessa forma, os coeficientes das regressões estimados são as médias de anúncios dominicais e não dominicais para cada jornal, respectivamente. O peso dos domingos, para cada jornal, foi estimado pela razão dos coeficientes encontrados em cada regressão.

O passo seguinte para a construção do índice foi somar o número de anúncios dos jornais para cada Estado. Como os dados fornecidos pelo jornal O Globo se iniciam em 1993, torna-se necessário uma correção que compatibilize esses dados. Dessa forma, até janeiro de 1993, o Índice de Vagas para o Estado do Rio de Janeiro reflete somente as variações dos anúncios publicados nos outros jornais, O Dia e Jornal do Brasil. E, a partir de janeiro de 1993, são incluídos os dados do Globo, com a variação ocorrida

⁴ As regressões utilizadas possuem a seguinte forma: $Y = \alpha \text{DOM} + \beta \text{NDOM}$, onde DOM é o número de domingos, NDOM é o número de dias úteis e Y é o total de anúncios de cada jornal. Como o objetivo é estabelecer um peso para os domingos em relação aos dias úteis, a regressão foi rodada sem intercepto de tal forma a não captar qualquer outra eventual influência sobre Y.

entre dezembro de 1992 e janeiro de 1993 calculada incorporando-se o total de anúncios desse jornal no mês de janeiro. Mais precisamente, a partir de janeiro de 1993, o índice para o Rio é, simplesmente, a soma dos dados fornecidos pelos três jornais participantes, enquanto que, para o período anterior a janeiro de 93, utilizou-se desta ponderação com base nas variações mensais no cálculo do índice, de tal forma a evitar as diferenças geradas com a inclusão de mais um jornal.

Após esta correção, toda a série do Índice de Vagas pode ser construída para o período analisado tomando-se como base 100 a média dos anúncios em 1996.

Para a construção do Índice de Vagas de São Paulo, os jornais participantes forneceram dados a partir de janeiro de 1990. Logo, a princípio, não se poderia fazer a mesma correção utilizada na construção do Índice de Vagas do Rio de Janeiro. No entanto, os anúncios da Folha de São Paulo sofreram uma mudança de natureza comercial que ocasionou uma expressiva variação nos dados a partir de fevereiro de 1996. Com a finalidade de corrigir esta mudança, seguiu-se os mesmos procedimentos utilizados anteriormente para a inclusão do jornal O Globo nos dados, porém com uma pequena diferença. Neste caso, os dados da Folha de São Paulo são utilizados desde janeiro de 1990, porém, para o par de meses janeiro/fevereiro de 1996, utilizou-se apenas os dados do outro jornal participante, O Estado de São Paulo.

Para a construção do Índice de Vagas agregado a metodologia utilizada foi uma média ponderada dos índices calculados para os Estados do Rio e São Paulo. Assim, os índices foram ponderados de acordo com a participação no total da população empregada em cada um dos Estados. Para isso, utilizou-se os dados mensais para o total de empregados com e sem carteira assinada obtidos a partir da Pesquisa Mensal de Emprego divulgada pelo IBGE.

Considerando as informações disponíveis até a elaboração deste trabalho para ambas as regiões metropolitanas, a série do Índice de Vagas agregado se inicia a partir de janeiro de 1990 terminando em abril do ano 2000.

Curva de Beveridge

Para uma estrutura de mercado de trabalho qualquer, a Curva de Beveridge mostra como vagas e desemprego variam ao longo do ciclo de negócios. Como, no Brasil, não há séries sistemáticas para o número de vagas, essa curva foi estimada a partir dos dados do Índice de Vagas descrito anteriormente e da taxa de desemprego obtida pela PME. A curva foi obtida através de um gráfico de dispersão onde foram plotados os valores mensais do Índice de Vagas, no eixo y , e da taxa de desemprego, no eixo x , para todos os anos considerados neste estudo.

CAPÍTULO IV) ANÁLISE DOS RESULTADOS

A evolução temporal do Índice de Vagas apresentada na Figura 1 mostra que na medida em que há um crescimento na atividade econômica, o desemprego tende a se reduzir, e, conseqüentemente, o Índice de Vagas tende a aumentar. De forma análoga, em períodos de recessão, há um declínio das vagas.

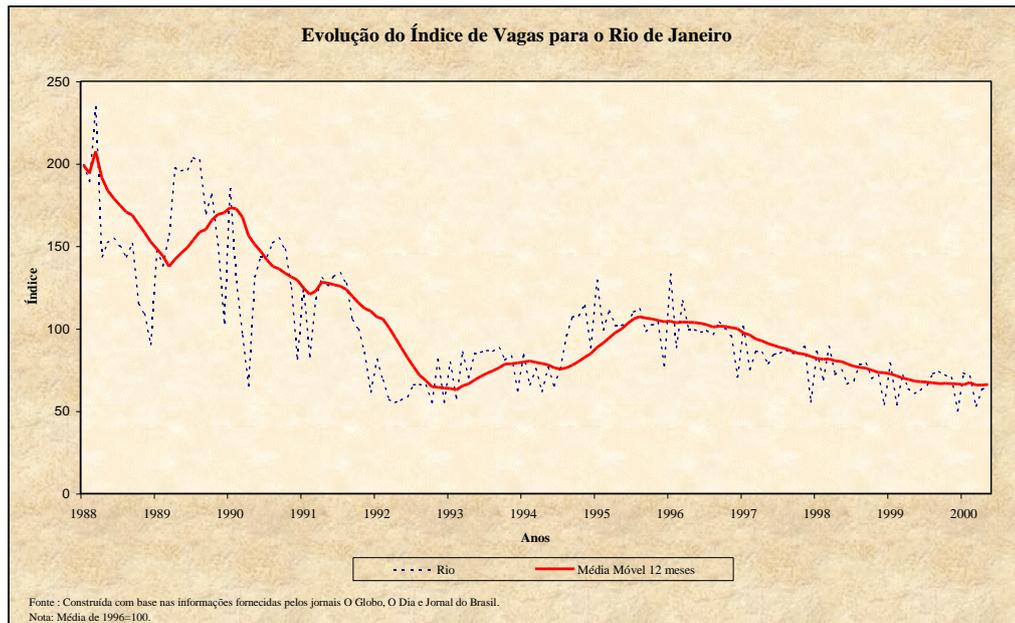
Outra importante constatação é a existência de uma sazonalidade no índice verificada no mês de dezembro, quando ocorre uma redução significativa da quantidade de anúncios publicados. Isto pode ser explicado pelas festas de fim de ano que são responsáveis pelo aumento da demanda. Para atender esse aumento de demanda, as empresas antecipam o preenchimento de suas vagas.

Além disso, pode-se perceber uma grande volatilidade do Índice de Vagas no período de 1988 a meados de 1993. Isto pode ser explicado pela instabilidade econômica do período, caracterizado por mudanças econômicas e políticas e pela implantação de planos econômicos, como o Plano Verão de 1989 e o Plano Collor de 1990. A partir do ano de 1993, com a introdução da URV e, posteriormente, Plano Real, inicia-se um período de maior estabilidade e o Índice de Vagas passa a ter um comportamento menos volátil.

De certa forma, pode-se afirmar que o Índice de Vagas segue um determinado padrão. Em situação de estabilidade econômica o índice evoluirá acompanhando o

desempenho da economia com a característica de sazonalidade presente no final de ano. E, em situações de instabilidade econômica, o Índice de Vagas terá um padrão mais errático, alternando índices altos e baixos, em curtos períodos, refletindo a “falta de rumo” da economia.

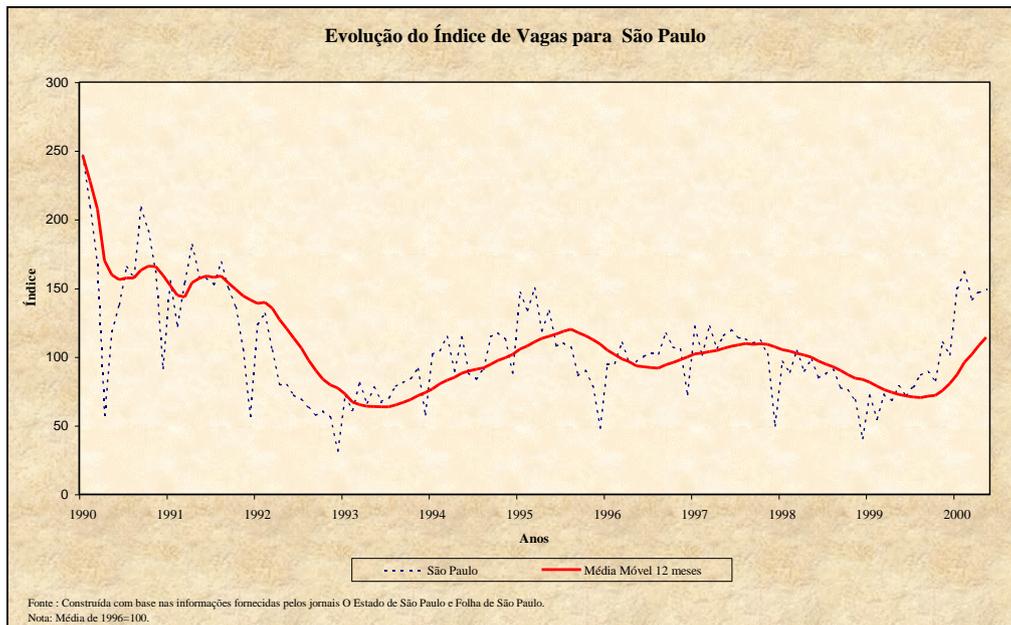
Figura 1



A Figura 2 apresenta a evolução do Índice de Vagas para a região metropolitana de São Paulo, cuja análise pode ser análoga à análise feita para a região do Rio de Janeiro. Uma consideração que não pode ser feita para São Paulo é a influência do Plano Verão sobre o índice, já que as informações para este Estado se iniciam em janeiro de 1990.

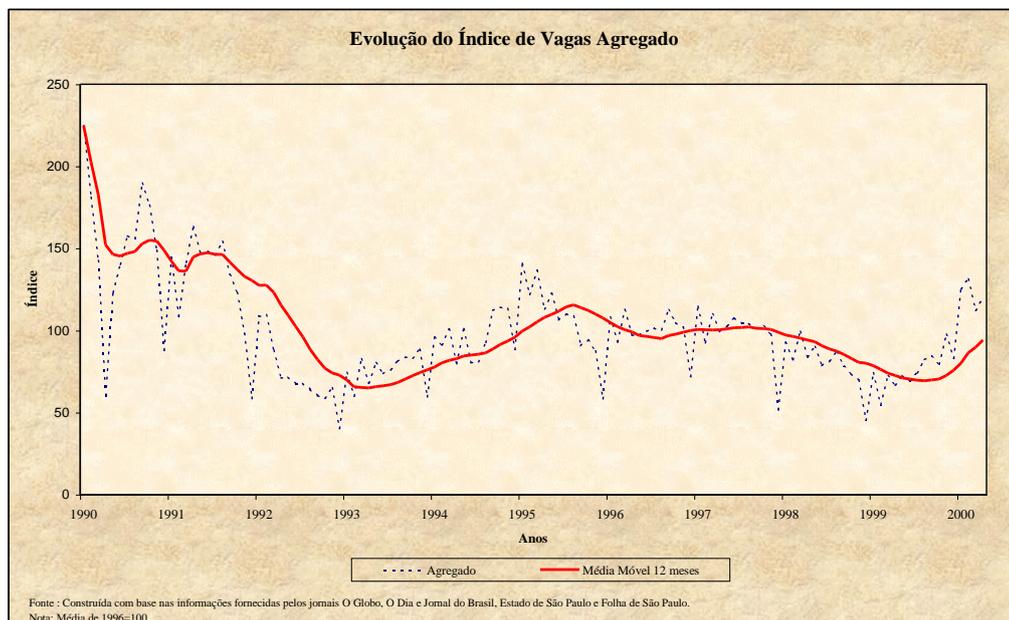
Ao contrário do observado para o Rio de Janeiro, o Índice de Vagas de São Paulo apresenta um crescimento significativo a partir dos últimos meses de 1999, tendência que se mantém até o mês de maio do corrente ano. O aumento do Índice de Vagas nesse período pode estar refletindo o início de uma nova fase de crescimento econômico. Como grande parte da produção brasileira está localizada no Estado de São Paulo, qualquer mudança no nível de atividade econômica tende a repercutir de forma mais rápida nesta região e, conseqüentemente, no Índice de Vagas .

Figura 2



A Figura 3 apresenta o Índice de Vagas agregado para as duas regiões metropolitanas. No entanto, uma melhor análise deste índice pode ser feita a partir da figura a seguir, que mostra as séries de média móvel de 12 meses para os três Índices de Vagas no mesmo gráfico.

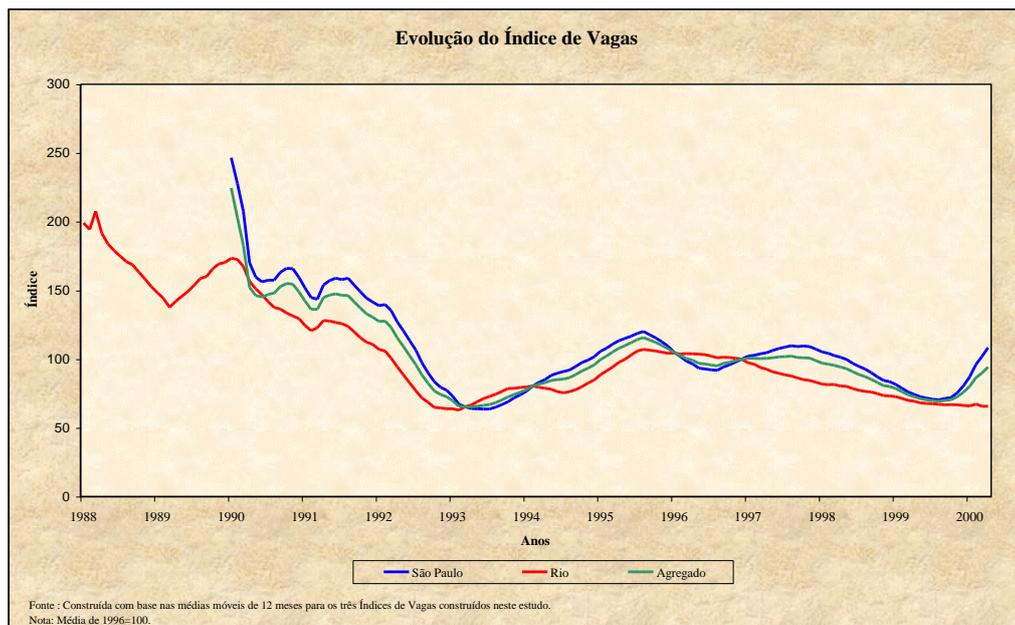
Figura 3



A Figura 4 mostra que o Índice de Vagas agregado sofre uma maior influência do Índice de São Paulo, dado que sua economia é consideravelmente maior do que a do Rio. Como esse índice é calculado a partir de uma média ponderada dos dois outros índices, e o peso atribuído ao índice do Estado de São Paulo é praticamente o dobro do que o verificado para o Estado do Rio de Janeiro, o Índice de Vagas agregado tende a se aproximar do índice do Estado de São Paulo.

É interessante observar que no período de 1997 a 1999 há um pequeno “descasamento” entre os índices dos dois Estados. O mesmo se verifica para os últimos meses de 1999 e início de 2000. Isto pode ser explicado pelo fato de que, apesar das duas regiões consideradas neste trabalho serem as de maior importância na economia do país, a economia do Estado de São Paulo é muito mais ativa do que a economia do Rio de Janeiro. Portanto, ela tende a responder de forma mais rápida aos movimentos econômicos.

Figura 4



Um outro fator relevante é a tendência da economia do Estado do Rio de se tornar cada vez mais centrada no setor de serviços. Enquanto que, para o Estado de São Paulo, isto não se verifica, já que este é fundamentalmente caracterizado por uma economia industrial.

Pode-se observar também, que apesar das diferenças no tamanho das duas economias consideradas, os Índices de Vagas seguem um padrão semelhante ao longo dos anos. Este fato demonstra que o Índice de Vagas não é influenciado pelo tamanho de uma economia e sim pelos movimentos que ocorrem nesta economia.

As Figuras 5 e 6 apresentam a Curva de Beveridge para as duas regiões metropolitanas analisadas, mostrando a relação entre vagas e desemprego ao longo do período.

Figura 5

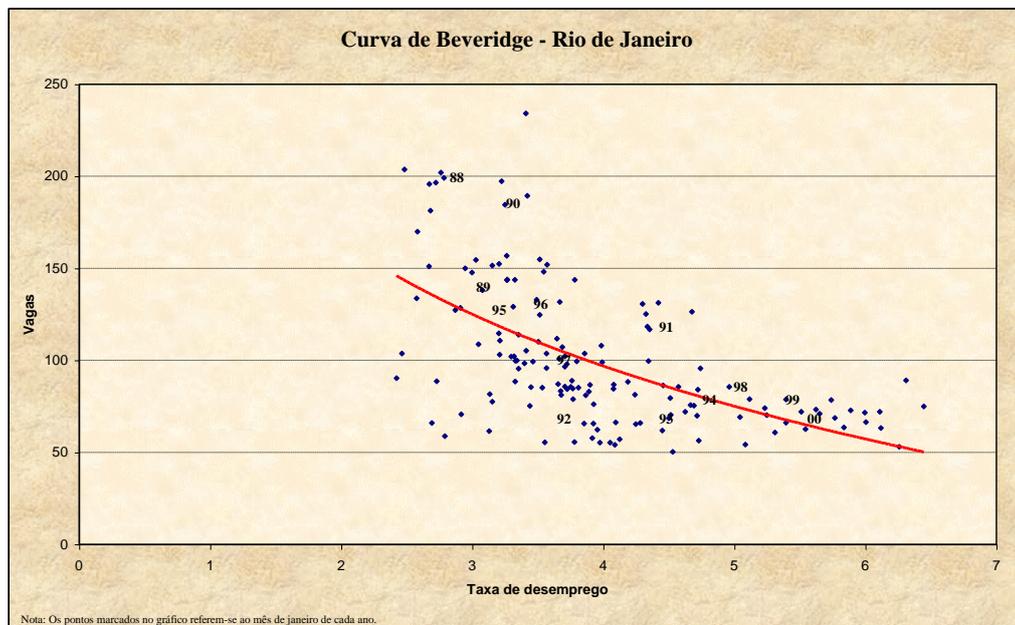
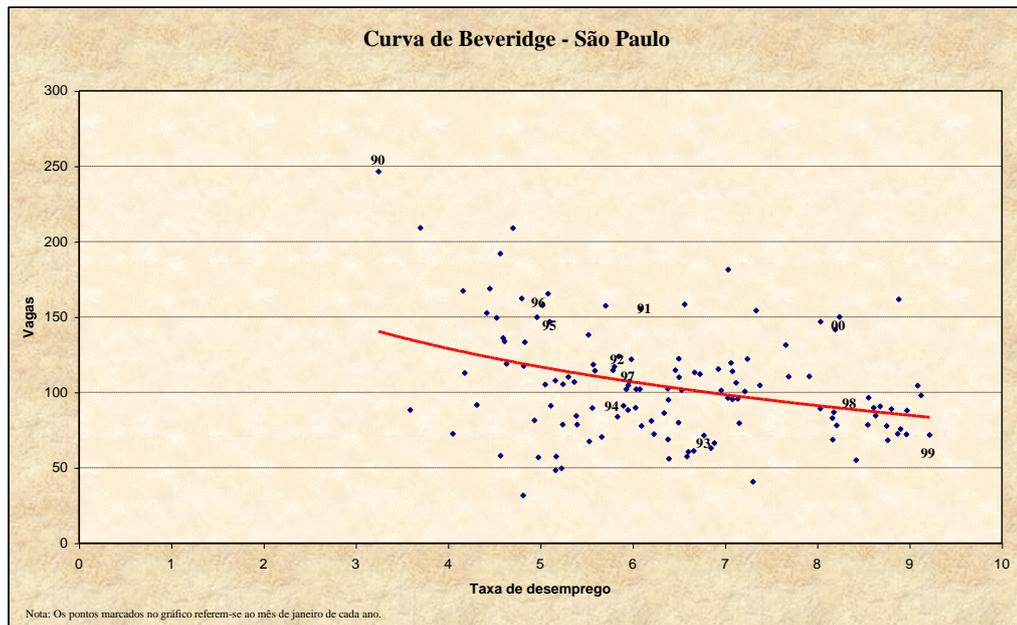


Figura 6



A partir da análise dessas figuras, pode-se concluir que a Curva de Beveridge do Rio de Janeiro apresenta uma maior inclinação do que a curva para o Estado de São Paulo. Isto significa que, para um mesmo valor de Índice de Vagas, São Paulo apresentará uma taxa de desemprego maior.

É importante ressaltar que, para uma mesma redução da taxa de desemprego, o aumento no Índice de Vagas será menor quanto menos inclinada for a Curva de Beveridge. Como esta curva reflete, em parte, a situação no mercado de trabalho, há um menor descasamento entre trabalhadores e postos de trabalho vagos nas economias que apresentem uma Curva de Beveridge menos inclinada. Esta economia tende a ser mais transparente, onde os trabalhadores possuem maior facilidade em encontrar o emprego desejado. Da mesma forma, as empresas conseguem preencher as suas vagas de forma mais adequada.

Assim, a menor inclinação da Curva de Beveridge de São Paulo confirma os comentários feitos anteriormente sobre a economia paulista. Pela comparação entre as duas curvas, a economia de São Paulo apresenta uma capacidade maior de casar trabalhadores e vagas.

CAPÍTULO V) CONCLUSÕES

Recentemente, o interesse na compreensão das questões do mercado de trabalho brasileiro tem aumentado, trazendo como consequência a crescente elaboração de estudos nesta área, embora, talvez, esses estudos não avaliem plenamente o mercado de trabalho. Uma das razões para isto, seria a falta de informações suficientes e consistentes que abrangessem todas as regiões do país. A elaboração de um Índice de Vagas seria uma forma de preencher esta lacuna nas informações.

Conforme descrito e demonstrado nos capítulos anteriores o Índice de Vagas é um indicador importante para identificar as mudanças nas relações entre vagas e taxas de desemprego. No entanto, os dados disponíveis ainda são bastante limitados tornando necessário a realização de alguns ajustes para a construção do Índice de Vagas , o que pode ocasionar uma distorção deste índice.

Além disso, como não existem informações disponíveis para a elaboração de Índice de Vagas para as outras regiões do país, não é possível construir índices regionais e também nacional. Isto possibilitaria uma análise mais completa do mercado de trabalho brasileiro, além de identificar as diferenças que existem entre as regiões.

Uma outra questão relevante, é a realização de eventuais comparações com os Índice de Vagas de outros países, principalmente no presente estágio de globalização e formação de blocos regionais, tais como Mercosul, ALCA e Mercado Comum Europeu.

Outra utilidade do Índice de Vagas é a possibilidade de construção da Curva de Beveridge. E, a partir da análise desta curva e de seus eventuais deslocamentos ao longo do tempo, pode-se observar a questão do descasamento entre vagas e trabalhadores na economia.

Portanto, tanto o Índice de Vagas quanto a Curva de Beveridge representam importantes ferramentas, se aplicadas de forma sistemática e a nível nacional, para um melhor entendimento e, conseqüentemente, aperfeiçoamento das questões relacionadas ao mercado de trabalho brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, R. P. de, FIRPO, S., FOGUEL, M. N. Índice de Vagas para o Brasil. In: IPEA, MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Mercado de trabalho - conjuntura e análise**. Junho, 1999.
- BARROS, R. P. de, MENDONÇA, R. S. P. de. Flexibilidade do mercado de trabalho brasileiro: uma avaliação empírica. In: CAMARGO, J. M. **Flexibilidade do mercado de trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, p. 157-201, 1996.
- BLANCHARD, O. J., DIAMOND, P. The Beveridge Curve. In: *Brooking Papers on Economics Activity*; v. 1, pages 1-60. United States, 1989.
- JACKMAN, R., LAYARD, R., SAVOURI, S. Mismatch: a framework for thought. In: SCHIOPPA, F. P. (ed.). **Mismatch and labour mobility**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LAYARD, R., NICKELL, S., JACKMAN, R. Job search: the duration of unemployment. In: LAYARD, R., NICKELL, S., JACKMAN, R. **Unemployment: Macroeconomics performance and the labour market**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SCANDIUZZI, J.C. Efeito colchão e Curva de Beveridge na região metropolitana do Rio de Janeiro. In: **Série Seminários N° 10/99**. IPEA, Maio de 1999.
- ABRAHAM, K.G. Help-Wanted advertising, job vacancies, and unemployment. In: *Brookings papers on Economic Activity*; v. 1, pages 207-43. United States, 1987.
- BARROS, R., CAMARGO, J. M., MENDONÇA, R. A Estrutura do desemprego no Brasil. In: **A economia brasileira em perspectiva**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.
- FRIEDMAN, S. K. The Help-Wanted advertising index: a leading indicator of the local economy. In: *Business Economics*; v. 17(3), pages 61-64. United States, 1982.

BARROS, R., FOGUEL, M., MENDONÇA, R. Perspectivas para o mercado de trabalho brasileiro ao longo da próxima década. In: Estudos Econômicos, v. 27, n. especial. 1997.